

Análise do Comércio Externo
do Setor Elétrico e Eletrônico
Janeiro – Setembro 2025

1. Análise da Economia Portuguesa – Balança Comercial

No 3º trimestre de 2025, as exportações diminuíram ligeiramente face ao período homólogo (-0,3%; -5,0% no trimestre terminado em agosto de 2025), sem diferenças significativas quando excluídas as TTE (-0,9%, no trimestre terminado em agosto).

Em termos acumulados no ano, até setembro, as exportações aumentaram 1,9%, em termos homólogos (+1,6% no mesmo período de 2024). Contudo, excluídas as transações sem transferência de propriedade, as exportações recuaram ligeiramente (-0,6%, que compara com +0,1% no mesmo período de 2024).

2. Análise do Setor Elétrico e Eletrónico

JANEIRO / SETEMBRO 2025

SUBSETORES	SAIDAS (EXPORTAÇÃO)		Δ %	ENTRADAS (IMPORTAÇÃO)		Δ %
	2025	2024		2025	2024	
Máquinas, Equip. e Apar. Industrial	649 100 178	451 176 602	44%	832 671 566	821 263 878	1%
Fios e Cabos Isolados	640 187 376	590 449 935	8%	292 919 674	281 639 598	4%
Cablagens	263 473 228	262 128 935	1%	285 830 357	272 810 984	5%
Aparelh, Sist. Medição e Autom.	59 644 483	41 242 139	45%	115 533 805	121 915 764	-5%
Telecom, Eletrónica Prof e Inform.	661 616 437	670 582 153	-1%	1 752 360 014	1 630 074 853	8%
Componentes Eletrónicos	669 620 613	649 441 750	3%	1 751 271 276	1 630 668 363	7%
Acumuladores e pilhas	123 108 340	94 103 304	31%	241 095 694	213 516 985	13%
Lâmpadas e material p/ Iluminação	5 183 978	5 783 706	-10%	20 188 271	21 784 871	-7%
Aparelhagem Ligeira de Instalação	349 929 606	405 751 903	-14%	530 901 424	461 577 601	15%
Eletrónica de Consumo	227 638 369	1 241 945 864	-82%	416 867 624	755 428 610	-45%
Eletrodomésticos	273 147 385	269 717 338	1%	705 534 076	649 134 926	9%
TOTAL	3 922 649 993	4 682 323 629	-16%	6 945 173 781	6 859 816 433	1%

Fonte: INE- N°s Provisórios

2.1 Exportação de Equipamento Elétrico e Eletrónico por Subsetor

O período Janeiro-Setembro confirma a performance da primeira metade do ano, em termos homólogos, de queda acentuada nas exportações do Setor elétrico e eletrónico, onde o subsector da Eletrónica de Consumo é de longe o mais atingido (-82%), seguido da Aparelhagem Ligeira de Instalação (-14%).

O peso destes dois subsectores e as repercussões diretas e indiretas das políticas de Trump no comércio internacional explicam este forte impacto no total global do Setor, conforme explicámos na análise do período anterior. Detalhando:

Componentes eletrónicos, apesar de excluído das tarifas, cresceu apenas (3%) em termos homólogos.

As **Cablagens (1%)**, que sofreram com a implementação de uma tarifa de 25% sobre todos os automóveis e peças automotivas importadas pelos EUA, recuperaram crescendo 1%, mostrando capacidade de reorganização e adaptabilidade do setor automóvel.

A evolução do subsetor **Telecom, Eletrónica Prof e Informática** mantém-se quase inalterada em termos homólogos (-1%), devido à sua resiliência intrínseca. Com um crescimento menor em termos homólogos (face ao anterior trimestre), mas ainda muito positivo, temos **Máquinas, Equip. e Apar. Industrial (44%)**, **Acumuladores e Pilhas (31%)** e **Fios e Cabos Isolados (8%)**. Em suma, o terceiro trimestre não trouxe praticamente alteração relativamente ao segundo, o que era expectável face ao contexto menos favorável a que a indústria se está a adaptar.

2.1.1 Exportação por Zonas Económicas e Países Clientes

A diminuição das exportações do Setor, focada em determinados grupos, verifica-se geograficamente na diminuição das vendas para os EUA (-13,9%), Japão (-5,6%) e países da EFTA (-11,2%).

Recorde-se que os EUA impuseram tarifas elevadas a automóveis e peças japonesas, o que tem impacto direto nas exportações japonesas. Ao exportar menos, o Japão também reduz os seus consumos intermédios e a valorização do iene frente a outras moedas também não ajuda, tornando os produtos japoneses mais caros.

Relativamente aos outros subsetores, em crescimento, as vendas concretizaram-se no aumento para **Países Terceiros (9,8%)** e **UE (5,7%)**, com maior peso, mas também para o **Sudeste Asiático (36,8%)**, num esforço visível de diversificação.

Dentro da UE, destaque para o crescimento em termos homólogos das exportações para principais parceiros como a **Alemanha (8%)**, **França (8%)** e **Itália (7%)**, recuperando face ao trimestre anterior; Espanha mantém-se um parceiro sólido (1%); nota positiva ainda para países com menor peso cômputo global, mas para os quais as vendas tendem a crescer, como a Holanda (31%) e República Checa (24%).

Os países com peso razoável que acusam mais abrandamento enquanto países de destino são a **Suécia (-23%)** e **Reino Unido (-1%)**.

Nota positiva para a recuperação dos **PALOPs (3,8%)**, onde o crescimento das exportações para **Angola (16,3%)** faz habitualmente a diferença.

No grupo Asiático, cujo crescimento nas vendas de **36,8%** representa uma subida de + 1pp no seu peso no total das exportações, observa-se o maior crescimento homólogo de exportações para Taiwan (95,4%), - ultrapassando a China como principal destino de exportações, que cresceu 7,7% em termos homólogos. O terceiro maior mercado é **Singapura**, com crescimento em termos homólogos de 37,6%.

2.2 Importação de Equipamento Elétrico e Eletrônico por Subsetor

As importações do Setor denotam um crescimento modesto de 1% em relação às do período Janeiro-Setembro de 2024, havendo uma diminuição geral repartida pelos subsectores; a continuidade dos efeitos, diretos e indiretos, da implementação das tarifas no 2º semestre faz-se sentir, mas com amplitude reduzida.

O efeito direto mais visível de diminuição é justamente na **Eletrónica de Consumo**, onde as compras diminuíram 50%. Os restantes subsectores registaram crescimento mais moderado que no 1º semestre, o que atribuímos sobretudo a **maior contenção geral na economia pela instabilidade criada**.

Outros subsectores como **Telecom, Eletrónica Prof e Inform. (8%), Componentes Eletrónicos (21%) Aparelhagem Ligeira de Instalação (10%) e Eletrodomésticos (13%)** revelam uma dinâmica de consumo satisfatória, que compensa a performance menos boa dos anteriormente referidos.

2.2.1 Importações do Setor por Zonas Económicas e Países de Origem

O crescimento modesto de 1% das importações em termos homólogos tem subjacente a fraca procura global e uma **reorganização das compras às zonas geográficas de países de origem**: -1% das compras à UE e -5,2% de compras ao Sudeste Asiático; +26,1% de importações dos EUA e +13,5% a Países Terceiros.

Está a dar-se uma clara reconfiguração das cadeias globais de valor (“reshoring” e “friend-shoring”), que já vem desde a pandemia e o início das tensões comerciais EUA-China, para diversificar fornecedores e aproximar a produção de mercados considerados “seguros”.

O **Japão, EUA e UE têm vindo a relocar produção crítica** (como semicondutores, baterias, chips e componentes eletrónicos) para países aliados ou dentro dos próprios blocos. Isso faz com que empresas japonesas ou europeias passem a importar mais de parceiros estratégicos como os EUA, México, Índia ou Vietname (dependendo do tipo de componente), **reduzindo a dependência do Sudeste Asiático** (sobretudo da **China**).

Os Incentivos e políticas industriais norte-americanas são outra razão. O Inflation Reduction Act (IRA) e o CHIPS and Science Act dos EUA estão a atrair investimentos em produção de semicondutores e eletrónica avançada. As empresas japonesas e europeias estão a importar mais tecnologia, componentes e maquinaria dos EUA, uma vez que agora existe capacidade produtiva doméstica reforçada e subsídios que tornam os produtos americanos mais competitivos. Isso também explica uma transferência de fluxos comerciais do Sudeste Asiático para os EUA.

Dentro dos países do **Sudeste Asiático**, verifica-se a tentativa de redução de dependência da China (-8,6%) e **Taiwan (-4,3%)**, aumentando as compras a **Singapura (16,4%) e Coreia do Sul (16,3%)**.

Dentro da UE, a diminuição das compras ocorre sobretudo à **Alemanha e França (-2%) e Itália (-14%)**, sendo Espanha (+2%) e Holanda (4%) parceiros atualmente preferenciais.

3. Perspetivas

PIB	2025	2026(p)
Mundo	3,2	3,1
EUA	2,0	2,1
UE – Zona Euro	1,2	1,1
Alemanha	0,2	0,9
França	0,7	0,9
Itália	0,5	0,8
Espanha	2,9	2,0
Reino Unido	1,3	1,3
PORTUGAL	1,9	2,1
Brasil	2,4	1,9
China	4,8	4,2
Índia	6,4	6,2
Japão	1,1	0,6
Rússia	0,6	1,0

Fonte: WEO FMI – Outubro 2025

O FMI projeta que o crescimento real do PIB se reduza para 3,2 % em 2025 e 3,1 % em 2026. Nas economias avançadas, o crescimento deverá andar em torno de 1,6 % em 2025 e 2026. Nas economias de mercados emergentes e em desenvolvimento, a previsão é de pouco acima de 4 %, embora com grande heterogeneidade.

A inflação mundial deverá continuar a decrescer globalmente, mas haverá também diferenças significativas entre países.

Quanto aos riscos, são maioritariamente negativos: aumento de protecionismo, incerteza política, choques de oferta/commodities e fraca produtividade estrutural.

Em termos geográficos, o crescimento para **a zona Euro** está estimado em 1,2 % em 2025 e 1,1 % em 2026. Embora a região tenha resistido relativamente bem aos choques recentes, pesam a fraca produtividade, o envelhecimento da população, a elevada dívida pública e a vulnerabilidade ao comércio exterior.

O crescimento baixo significa que a Europa (e Portugal, por arrasto) terá de lidar com expansão moderada, o que limita as expectativas para o investimento e o emprego.

De positivo, temos Espanha, nosso principal parceiro comercial, que continua a destacar-se na sua boa performance face aos restantes países da UE. E a inflação moderada e melhoria das condições externas (importações mais baratas via dólar mais fraco, menores tarifas), que oferecem alguma margem de manobra para políticas económicas.

Todavia, o cenário global menos favorável torna ainda mais importante manter finanças públicas saudáveis, preparar-se para eventuais choques externos e apostar em diversificação de mercados.

Para os EUA, o FMI prevê crescimento de **2,0 % em 2025** e **2,1 % em 2026**. A melhoria relativa face a previsões anteriores reflete condições financeiras mais benignas, redução do impacto das tarifas e estímulos

fiscais. Contudo, o risco de inflação, tensões comerciais (nomeadamente com a China) e endividamento privado/público mantêm-se.

Na região Ásia-Pacífico, verifica-se alguma resiliência e prevê-se que a região continue a contribuir de forma significativa para o crescimento global, onde a Índia sobressai. Os principais obstáculos são, naturalmente: aumento de tarifas dos EUA, fragmentação das cadeias de valor e necessidade de maior integração intra-regional.

Quanto aos **países de destaque no Mercosul**, perspectiva-se um crescimento de 2,4% para o Brasil enquanto a Argentina (4,5% em 2025; 4% em 2026), mesmo com desafios, aparece como uma das mais dinâmicas da região, embora ainda muito dependente de políticas macroeconómicas e fatores externos. Outros países menores dentro do bloco ou associados sentem o impacto da fraqueza da procura externa e do investimento interno limitado.

Serviço de Economia e Associativismo
ANIMEE